

A Antropologia da Sexualidade no Brasil*

MARIA ANDRÉA LOYOLA**

RESUMO

O artigo traça a trajetória dos estudos sobre a sexualidade no Brasil, apresentando alguns pontos de similaridade e convergência entre eles, como as tensões entre afetividade, sexualidade, reprodução e gênero, que envolvem, entre outros, os binômios prazer / obrigação, hierarquia / complementaridade, autonomia / dependência, igualdade / desigualdade etc. Analisa os modelos explicativos construídos para abordar a sexualidade dos brasileiros das camadas altas e médias e das camadas populares, assim como os modelos que as englobam de forma indiferenciada numa única "cultura erótica", tida como específica do país.

Palavras-chave: Antropologia da sexualidade; reprodução; gênero; individualismo; erotismo.

* Este artigo é o complemento de outro de minha autoria, *Sexo e sexualidade na antropologia*, que aborda principalmente a produção estrangeira sobre o tema (Loyola, 1998).

** Antropóloga, professora titular do Departamento de Políticas e Instituições de Saúde do Instituto de Medicina Social da UERJ.

ABSTRACT

Anthropology of Sexuality in Brazil

The article traces the studies on gender and sexuality carried out in Brazil, presenting some points of similarity and convergence, such as tensions among affectivity, sexuality, reproduction and gender, involving, among others, the binomials pleasure / obligation, hierarchy / complementarity, autonomy / dependence, equality / inequality etc. It analyses the explanatory models that approach the sexuality of the Brazilian people in the high, medium and lower social strata, as well as the models that include them in one "erotic culture", considered characteristic of the country.

Keywords: Anthropology of sexuality; reproduction; gender; individualism; erotism.

RÉSUMÉ

L'Anthropologie de la Sexualité au Brésil

Cet article retrace les études sur l'anthropologie de la sexualité au Brésil, soulignant certains points de similitude et de convergence, comme les tensions entre affectivité, sexualité, reproduction, genre, qui impliquent, entre autres, les binômes plaisir / obligation, hiérarchie / complémentarité, autonomie / dépendance, égalité / inégalité, etc. Il présente une analyse des modèles explicatifs construits dans l'approche de la sexualité des brésiliens des couches élevées, moyennes et populaires. Il traite également des modèles qui les englobent à l'intérieur d'une seule et même "culture érotique" indifférenciée, considérée comme spécifique au pays.

Mots-clé: Anthropologie de la sexualité; reproduction; genre; individualisme; erotisme.

Recebido em 2/6/00.

Aprovado em 23/6/00.

Introdução

Os primeiros estudos que tratam mais diretamente do tema da sexualidade realizados no Brasil começaram a surgir no final da década de 70 e início de 80¹. Eram basicamente voltados para o estudo do homossexualismo, da identidade sexual e do conhecimento do mundo homossexual. Embora sofressem direta ou indiretamente a influência do movimento *gay* e lésbico americano — que também se iniciava timidamente nos grandes centros urbanos de nosso país — tinham caráter predominantemente acadêmico. Tratava-se de artigos e teses acadêmicas publicados em veículos de divulgação científica (Guimarães, 1977; Fry, 1982; Fry e MacRae, 1982).

O movimento feminista, iniciado ainda na década de 60, contava com uma produção muito maior e também de caráter majoritariamente acadêmico (Saffioti, 1969; Blay, 1972), mas que não focalizava diretamente o tema da sexualidade². Como os próprios títulos dos trabalhos dessa época indicam, eles se preocupavam principalmente com a participação da mulher na força de trabalho e na sociedade de classes, com a divisão social e sexual do trabalho, com a família operária e/ou patriarcal etc. (Madeira e Singer, 1975; Aguiar, 1979; Hirata e Humphrey, 1984; Abreu, 1986).

Esses trabalhos surgiram num contexto fortemente marcado pelo marxismo e, ao mesmo tempo, por uma grande difusão da psicanálise e da ideologia individualista-igualitária entre as classes médias urbanas (Velho, 1981, 1983), resultantes das transformações ocorridas nos costumes brasileiros com o advento da pílula, da revolução sexual e da cultura *hippie*³.

¹ Tratarei apenas de alguns trabalhos que tiveram repercussão nos estudos atuais sobre sexualidade no Brasil. Como me interessam aqui principalmente as referências teórico-metodológicas ou os modelos analíticos explicativos por eles sugeridos para o estudo da sexualidade entre nós, grande parte dos muitos e interessantes trabalhos que surgiram tanto no passado como recentemente não será considerada.

² Salvo algumas exceções, como os artigos de Sarti, Moraes, Novinsky e Moreira Alves, todos publicados em Bruschini e Rosemberg (1980). A primeira pesquisa sobre sexualidade no Brasil só foi publicada em Muraro (1983).

³ Sobre os temas de interesse da época, conferir o seminário organizado por Neuma Aguiar, no Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ), em 1977 — *A mulher na força de trabalho na América Latina* — e pela Fundação Carlos Chagas, na Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em 1975.

Os Primeiros Seminários Sobre Sexualidade

Assim, quando no início de 1983, juntamente com Peter Fry, Arakcy Martins Rodrigues e Lia Fukui, tentamos organizar o Primeiro Seminário do Grupo de Trabalho Sexualidade e Reprodução, que coordenávamos na Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), nos deparamos com um verdadeiro deserto de estudos sobre esse tema. Não obstante, conseguimos reunir trinta e sete *papers* produzidos por antropólogos, sociólogos, psicanalistas, médicos e historiadores, alguns já citados, para discutir a sexualidade, a partir de cinco temas principais: as relações entre os sexos; a constituição da sexualidade; sexualidade e identidade; casamento e outras formas de relacionamento sexual-afetivo; planejamento familiar⁴.

Não obstante a riqueza de noções, idéias, sugestões e hipóteses levantadas acerca da sexualidade, notadamente da sexualidade no Brasil, nos textos ali apresentados, foi quase impossível aglutiná-los. Ficou claro, principalmente, que a sexualidade por si só dá margem a indagações e à construção de discursos os mais variados, o mesmo ocorrendo com a reprodução. Ficou claro também o estado incipiente e tatonante da abordagem do tema entre nós e a necessidade de enfrentar o problema colocado pela interdisciplinaridade. Assim, fazer face, ao mesmo tempo, a um vazio conceitual e à diversidade de temas e marcos teóricos que povoam esses espaços fronteiros entre as ciências parecia, desde então, um dos principais desafios para o estudo da sexualidade.

No segundo seminário do grupo de estudos, organizado por mim e Peter Fry⁵, a agregação aos temas da sexualidade e reprodução, daqueles como o amor, o desejo e a paixão (que estiveram presentes de forma apenas marginal ou subjacente no primeiro seminário do grupo) revelou-se um complicador a mais. Na perspectiva sociológica, antropológica, psicanalítica ou literária, esses temas foram tratados supondo-se um acordo conceitual preexistente mas na verdade sugerindo ou permitindo uma grande diversidade de interpretações.

Não obstante essas dificuldades, a conjugação desses elementos, aliada ao fato de os trabalhos terem sido encomendados, revelou-se muito frutífera.

⁴ O seminário ocorreu no Instituto de Medicina Social (IMS), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nos dias 3 a 5 de outubro de 1983 (ver anexo).

⁵ O seminário teve lugar durante o IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), em Águas de São Pedro, entre 7 e 11 de outubro de 1984.

Mesmo correndo o risco de simplificações inevitáveis, foi possível detectar certos pontos de convergência e similaridade, tanto nas discussões como nos trabalhos apresentados — por exemplo, um conjunto de tensões entre amor e paixão, afetividade e sexo, sexualidade e reprodução que envolviam ora o binômio prazer / obrigação, ora aqueles da hierarquia / complementaridade, autonomia / dependência, igualdade / desigualdade; ou ainda aqueles como individualidade / coletividade, efemeridade / continuidade, liberdade / comprometimento, entre outros.

Essas tensões giravam em torno de um eixo central constituído pela problemática da associação e dissociação entre sexualidade e reprodução, e apontavam para uma tensão mais ampla entre dois modelos de família e de relação entre os gêneros — o mediterrâneo e o individualista — que se distribuem desigualmente nas diferentes camadas sociais (Loyola e Fry, 1984).

Alguns dos textos apresentados e discutidos nesse seminário colocam os principais paradigmas, pressupostos, soluções e impasses com os quais se defrontam, ainda hoje, os estudos mais atuais sobre a sexualidade no Brasil. Especialmente importante é o de Luiz Fernando Duarte (1984), construído a partir dos paradigmas foucaultiano e dumontiano adaptados ao Brasil (Foucault, 1977; Dumont, 1966, 1977, 1983), que fez escola e vem funcionando como modelo analítico-explicativo, para o estudo da relação entre os sexos e da sexualidade nas camadas médias e altas, de um lado, e nos estratos populares, de outro.

Duarte parte da crítica do trabalho de Muraro (1983), a quem atribui uma aplicação ingênua da teoria marxista ao estudo da sexualidade, ao sustentar que o caráter repressivo da ideologia moderna da sexualidade constitui uma “estratégia da burguesia, um fio articulador da expansão do modo de produção capitalista, aplicado maquiavelicamente às classes trabalhadoras, para expropriá-las, junto com os meios de produção, dos meios de sentir e gozar” (Duarte, 1984: 4).

Como contrapartida, Duarte propõe duas hipóteses para lidar com o problema da sexualidade em uma sociedade estratificada: a primeira é que as classes trabalhadoras urbanas têm uma cultura, que, embora possa ser compreendida como uma subcultura do continente mais amplo da cultura ocidental, não é uma mera sobrevivência arcaica ou reflexo diluído do presente, possuindo uma lógica própria sem a qual nenhuma significação e, portanto, nenhuma vivência seria possível. A segunda hipótese é a de que essa subcultura é diferente da nossa, não no sentido das pequenas variações, mas num sentido forte e verdadeiramente contrastivo (Duarte, 1984: 10).

Sexualidade: Individualismo e Hierarquia

O individualismo que entre os psicanalistas tomava a forma de uma postura teórica (Birman, 1984) vai surgir no trabalho de Duarte como uma ideologia das classes médias e dominantes do mundo ocidental, apoiada no dispositivo da sexualidade, como descrito por Foucault. Essa “representação individual psicológica sexualista tem um compromisso com a visão de um mundo racionalista” e com o “ideal de igualdade, o que faz com que haja uma ilegitimidade crescente de tudo o que evoque a diferença de gênero (inclusive sua universal correlação com a diferença de sexo)” (Duarte, 1984: 11).

Em contraposição a esse individualismo / racionalista / igualitário, a cultura das classes trabalhadoras se orienta segundo uma lógica que se exprime na moral da “vergonha” e da “pouca vergonha”, calcada na diferenciação, hierarquização e complementaridade dos sexos. Através das biografias de Carolina de Jesus e Francisca de Souza, Duarte mostra como as mulheres dessas camadas vivem uma tensão permanente entre o “ter vergonha” (ter filhos, ter casa), e “não ter vergonha” (atrair, seduzir como o homem, ter sua sexualidade livre), que orienta suas estratégias — na dança do casamento— para compor sua casa e sua família. A ideologia juvenil / feminina (dessas camadas) parece não só aspirar por uma congregação das duas dimensões, como tentar jogar de maneira tal que a sua parte do prazer seja o penhor da submissão do homem à reprodução, à obrigação (Duarte, 1984: 16-19).

O mesmo modelo, que apresenta traços semelhantes ao classificado por Pitt Revers (1977) como mediterrâneo, é descrito por Tania Salem, a partir da dramaturgia de Nelson Rodrigues. O universo rodrigueano é formado pelas camadas médias e superiores urbanas da Zona Norte do Rio de Janeiro (Salem, 1984), o que sugere, assim, um espaço social de influência ideológica daquele modelo, mais amplo do que aquele delimitado pelo material de Duarte. A tensão entre individualidade / complementaridade, autonomia / dependência, prazer / obrigação aparece neste caso dentro da própria célula familiar e contra ela, na medida em que é a família e não o indivíduo que constitui a unidade básica de representação nesse universo ideológico, marcado ainda por uma diferenciação entre a esfera pública e a privada, em virtude da dominância da última sobre a primeira.

Partindo da premissa de que a sexualidade no contexto da obra de Nelson Rodrigues funciona como uma espécie de linguagem que expressa a própria família, ainda que às avessas, isto é, pela negação ou infrações sexuais,

Salem descreve uma instituição familiar que, em termos normativos,

“aspira ser um domínio governado pela hierarquia fundada nos critérios de sexo e de idade: a mulher / os mais novos deveriam ser englobados pelo homem / os mais velhos. No que tange à relação entre cônjuges, a tensão expressa-se, do ponto de vista masculino, no espectro da infidelidade feminina e, aos olhos da esposa, numa profunda insatisfação sexual e afetiva dentro do espaço matrimonial” (Salem, 1984: 10).

Isto porque o modelo só comporta duas representações sobre a mulher: ou ela é virgem (no caso das solteiras) e fiel (no caso das casadas), ou é “puta”. E ao ser definida como “puta” — isto é, como uma mulher de sexualidade livre e, por definição, não regulamentada — ela impossibilita a construção de sua própria identidade enquanto signo, inviabiliza alianças intergrupais, exclui a família do circuito de trocas matrimoniais (a mulher não-virgem deixa de ser intercambiável) e põe em xeque a honra familiar (do pai e/ou esposo). Neste caso, ao contrário dos homens que povoam o universo de Carolina e Francisca, estudadas por Duarte (que não trabalham, traem, bebem ou espancam) são as mulheres que estragam tudo. Pela infidelidade conjugal e pela quebra do tabu da virgindade,

“a mulher faz uso de sua sexualidade para afirmar-se como um valor individual em si mesmo, às expensas da unidade familiar. Através de sua infração, ela afronta e mina a hierarquia natural estruturadora de sua própria família, na medida em que exercita sua sexualidade à revelia do poder do patriarca — quando não, contra ele” (Salem, 1984: 10).

A contestação desse modelo familiar nas classes médias dos grandes centros urbanos é indicada também por Tânia Dauster, em estudo de um grupo de homens e mulheres habitantes da Zona Sul do Rio de Janeiro. Segundo Dauster (1984), esse grupo partilha a crença nos princípios do modelo mediterrâneo, mormente a idéia de que “o homem tem o sexo independentemente do amor e a mulher não”, mas tenta ideológica e praticamente questionar e redefinir esses princípios, segundo os cânones do individualismo.

“A ‘modernidade’ do grupo revela-se na crença em valores individualizantes e igualitários, na sua diferenciação face à família e na valo-

rização da experiência individual enquanto liberdade, projeto e prazer”
(Salem, 1984: 8).

Para a mulher, esse processo de individualização, claramente ancorado na psicanálise, associa-se à idéia de “crescimento pessoal” e à assunção do “tesão”, ou prazer, cuja condição, senão necessária ao menos potencial, é a separação entre sexo e amor, ou sexo e sentimento. Daí a dificuldade em assumir a sexualidade, o “tesão”, que toma a forma de “medo do crescimento”.

Como no trabalho de Dauster, a tensão entre individualidade / complementaridade, igualdade / hierarquia, liberdade-prazer / compromisso-obrigação, verticalizada no trabalho de Duarte, volta a assumir sua forma horizontal no ensaio de Edward MacRae (1984), que também parte do processo de individualização-subjetivação, descrito por Zaretsky (1976) para o capitalismo moderno, para estudar o homossexualismo. MacRae sugere que a radical separação entre sexo e reprodução, característica das relações homossexuais entre os intelectuais e outros membros das camadas médias das grandes cidades — ou seja, o mesmo estrato social que Duarte aponta como berço da ideologia individualista — é em parte responsável pelo individualismo lá percebido.

Já no mundo da prostituição viril, estudado por Nestor Perlongher (1984), é o modelo da diferenciação que vigora. Nesse mundo, o sujeito que domina não é o indivíduo polifacetado e eternamente singular, como o homossexual de MacRae. Esse é o reino da masculinidade e da feminilidade, do provedor e do sem-recursos, do jovem e do adulto, onde senhores definidos como “bichas” e “viados” encontram seu prazer sexual com jovens hiper másculos — os “michês” — em troca de dinheiro. A tônica dos encontros entre esses indivíduos é a efemeridade (programa de uma noite só) e, portanto, a ausência de compromisso. Mas, como sugere Perlongher, essas relações são “lambuzadas pela paixão (...) que funciona no dispositivo da prostituição viril, como ameaça, como tentação, como limite” (Perlongher, 1984: 7). Se apaixonado, o michê corre o risco de perder sua autonomia e a possibilidade da constante aventura; na pior das hipóteses, pode até virar “bicha”, isto é, perder sua masculinidade. Desta forma o discurso amoroso do michê é um discurso antiamoroso, e na impossibilidade de assimilar-se ao modelo de relação conjugal clássico, a afetividade entre iguais assume a forma de “amizades particulares”.

Se Perlongher escreve a partir da perspectiva cultural e ideológica dos michês, Carmen Dora Guimarães (1984) centraliza sua análise no outro pólo desta relação — os homossexuais relativamente abastados da Zona Sul do Rio de Janeiro, alguns dos quais clientes dos michês. Em seu trabalho as tensões já apontadas aparecem sob a forma de outra tensão: aquela que existe entre o que Guimarães chama de casos e acasos, ou entre relações conjugais relativamente estáveis e programas do tipo descrito por Perlongher. Esses homossexuais também vêm com profunda desconfiança o amor e a paixão, e com exceção de alguns que estabelecem casos, ou seja, relações de convivência afetiva, a maior parte deles constrói um mundo de relações basicamente sexuais com os michês e de relações de intensa amizade e compromisso com seus amigos, geralmente também homossexuais.

O que parece caracterizar o modelo igualitário e individualista é, assim, o crescente questionamento das diferenças radicais entre masculinidade e feminilidade. Isso fica claro tanto no trabalho de Guimarães, sobre homens homossexuais, como no trabalho de Dauster sobre homens e mulheres heterossexuais. Nesse novo modelo de relacionamento entre os sexos, os atos sexuais podem ocorrer sem amor, como podem ocorrer com paixão e amor, transformando-se em relações de compromisso de uma certa permanência, dependendo da continuada vontade dos parceiros.

Mas, por mais que a nova ideologia proponha a anulação das diferenças entre os sexos e entre os parceiros nas relações sexuais e afetivas, como coloca o trabalho de Guimarães (1984), a diferença está sempre presente em um nível ou em outro e parece ser constitutiva do próprio desejo sexual: ao proporem derrubar a hierarquia entre os sexos e liberar o sexo do vínculo amoroso, os homossexuais “também se defrontam com a problemática básica da desigualdade e da diferença. Seria a busca desta ‘solução’ que levaria os indivíduos a instalar em cada encontro sexual a diferença necessária para que o outro surja como objeto do desejo e do prazer?” (Guimarães, 1984: 45).

Se do lado do homem a diferença é difícil de ser eliminada da relação igual, como fica para a mulher enfrentar a igualdade na diferença? Se o “medo de crescer”, de “assumir a sexualidade”, apontado por Dauster, exprime em parte as fortes tensões e as dificuldades que a ideologia individualista-igualitária coloca para as mulheres, quase nada sabemos sobre sua repercussão no universo masculino. Como reagem os homens à liberação da sexualidade da mulher, ao fato de descer do topo da hierarquia de sexo e de partilhar com ela sua autoridade e os encargos cotidianos com a prole e as

exigências domésticas? (Loyola e Abujamra, 1985; Nolasco, 1993; Leal e Boff, 1996)⁶.

Individualismo, Hierarquia e Reprodução

A impossibilidade econômica do homem para assumir seu papel de provedor da família tem sido apontada como uma das razões para explicar o elevado índice de famílias matrifocais no Caribe. Esse fenômeno — a matrifocalidade — que, como atestam os exemplos de Carolina e Francisca citados por Duarte, já bastante difundido entre as classes baixas brasileiras, parece se espalhar também nas camadas médias urbanas. Com efeito, duas das cinco mulheres entrevistadas por Dauster — Márcia e Lúcia, ancoradas na ideologia individualista, são mães solteiras “por opção”, ou seja, assumiram sozinhas sua maternidade. Embora em ambos os exemplos se produzam grupos domésticos semelhantes (mãe e filhos), as situações diferem num ponto muito importante. Enquanto Carolina e Francisca parecem viver sem maridos por não se depararem com homens capazes de desempenhar satisfatoriamente o papel de provedor, Márcia e Lúcia fazem sua “opção” legitimadas pela ideologia individualista que surge no meio social onde vivem. Se Carolina e Francisca, enquanto mães sem marido, defrontam-se continuamente com a resistência da vizinhança e precisam cuidar-se para não ultrapassar os limites da vergonha, aproximando-se do pólo negativo da prostituta, Márcia e Lúcia parecem contar, ao contrário, com o apoio de seu grupo de pares, os amigos. É contra a família, mormente contra a oposição do pai — que parece encarar mais plenamente o modelo mediterrâneo — que elas têm que lutar.

De fato, segundo os cânones daquele modelo, a honra masculina está na virgindade (ou fidelidade) das mulheres e, como mostra Salem, numa família é comum que algumas irmãs sejam individualmente “sacrificadas” (sem direito de constituir sua própria família) para resguardar a virgindade daquela em que a família depositou suas chances reprodutivas (geralmente a caçula). Ora, ter um filho enquanto solteira é a prova cabal de que a mulher não é mais virgem e, portanto, não mais maritalmente intercambiável, tendo a

⁶ Outras respostas às questões certamente surgirão a partir dos estudos sobre sexualidade que começaram a multiplicar-se no final da década de 90, desde que passaram a fazer parte da agenda das tradicionais fontes privadas de financiamento de pesquisa no Brasil, a saber: Fundações Ford, Carlos Chagas e MacArthur.

família de origem que assumir sozinha o ônus de sua própria reprodução, como fazem as famílias de Márcia e Lúcia. E também aqui as mulheres da família continuam a representar um papel crucial: são as mães e irmãs de Márcia e Lúcia que vão apoiá-las e conseguir que seus pais acabem por assumir também suas maternidades “individualistas”.

Segundo os exemplos de Carolina e Francisca, nas classes baixas a matrifocalidade aparece diretamente associada ao mercado de casamento, ou seja, mais como adaptação a uma situação de indisponibilidade masculina, implicando várias uniões maritais esporádicas, do que, caso das classes médias, como uma opção associada à afirmação de uma individualidade negadora do casamento e à assunção de uma sexualidade que acaba por ser apenas teoricamente desvinculada da reprodução. Como afirma Duarte (1984: 20):

“o prazer ou a procura do prazer podem ser encarados como perigosos desde que se descolem daquela outra face da reprodução e da obrigação social. Como diz Carolina num sentido mais genérico, mas aplicável claramente à área: sei dominar meus impulsos, tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar meu caráter”.

É lícito indagar em que medida a ideologia individualista invocada por Márcia e Lúcia não é também mais adaptativa que inovadora e não encobre uma situação, embora por motivos diferentes, também de escassez de homens maritalmente disponíveis para mulheres dos estratos médios. Numa população majoritariamente composta por jovens, com uma taxa crescente de separações e divórcios (e ao que tudo indica também de homossexualismo), e em que os homens separados e divorciados tendem a contrair novas uniões em faixas etárias bem mais baixas que as suas (Berquó, 1984), como fica o mercado de casamento para mulheres com mais de 30 anos, como é o caso de Márcia e Lúcia? Como fica a reprodução social, até aqui apoiada no modelo clássico da família conjugal? E como fica a própria família, como se indaga Márcia ao redefini-la:

“Eu acho que eu e a neném não formamos uma família (...). Eu acho que não vai ser uma família em que pai e mãe fazem tudo, para depois prender. Vai ser mais uma coisa de companheirismo. Uma família diferente, não estruturada como da sociedade” (Dauster, 1984 : 10-11).

E como fica ainda a constituição da afetividade, da identidade sexual e do desejo, tradicionalmente ancorados no paradigma do triângulo edipiano, dos indivíduos originários dessa “nova família” matrifocal imbuída de companheirismo e igualitarismo? E, por fim, em que medida a separação entre sexualidade e reprodução pode ser levada até o limite de uma autonomização mais radical entre o biológico e o social, que os exemplos das mães solteiras atestam ser ainda difícil, mas que o advento dos bebês de proveta acena como uma possibilidade já efetivamente em uso? (Corrêa, 1997).

Essa problemática — a autonomização entre o biológico e o social — que muitas vezes toma a forma de uma oposição entre essencialismo e construtivismo (Loyola, 1998), vai ocupar o centro das preocupações dos trabalhos produzidos a partir de meados da década de 80, e notadamente na década de 90.

Individualismo, Hierarquia, Gênero

Esse período viu proliferar, de um lado, notadamente na produção feminista sobre mulher, os chamados estudos de gênero; de outro, os estudos sobre sexualidade, estes enormemente impulsionados pelo surgimento da AIDS e ambos por uma enorme oferta de financiamentos para pesquisa e publicação⁷.

Com efeito, sob a influência das publicações de origem inglesa e americana, os estudos sobre a mulher foram gradativamente substituídos pelos estudos de gênero que passaram a marcar os numerosos estudos produzidos nessa área desde então.

Para dar conta dos problemas analíticos envolvidos nesse tipo de trabalho, especialmente a oposição entre natureza e cultura, Heilborn propõe explicar por que a classificação de gênero comporta necessariamente hierarquia, ou seja, as razões que justifiquem “a constante estrutural de assimetria na montagem das relações entre os gêneros” (Heilborn, 1993: 203), conjugando a teoria da hierarquia de Louis Dumont com o conceito de gênero.

“Concebemos gênero como uma relação de natureza assimétrica a partir de uma abordagem estruturalista. Isso significa admitir que a

⁷ Entre outras, pelas Fundações Ford, Carlos Chagas, MacArthur, OMS e UNAIDS.

lógica que preside as classificações de gênero distingue, ao mesmo tempo que entrelaça, as categorias de feminino e masculino num certo padrão de ordenação da cultura” (Heilborn, 1993: 176).

Este exprime-se num elenco de propriedades simbólicas que se caracterizam por atributos relacionais de marcação / descontinuidade / diferenciação / deslocamento, constituindo-se, assim, no vetor de construção das identidades sociais masculinas. Já o gênero feminino estruturalmente está comprometido com atributos contrastivos de não-marcação / continuidade / indiferenciação / permanência, devido à relação de complementaridade hierárquica que mantém com sua contraparte (Heilborn e Gouvea, 1999: 176-177).

Como em Duarte, defende-se a especificidade cultural das camadas trabalhadoras urbanas mas, ao contrário deste — que, como vimos, atribui essa especificidade à existência de uma subcultura própria dos trabalhadores urbanos —, torna tal perspectiva um tipo ideal, “em que determinados princípios organizadores dessa cultura são colocados em relevo, contrastando com outra ordem simbólica: aquela vigente nas classes médias urbanas brasileiras” (Heilborn e Gouvea, 1999: 177).

Essa abordagem, com inspiração na obra de Louis Dumont, advoga a idéia da existência de pelo menos duas grandes matrizes culturais presentes nas sociedades contemporâneas. Uma delas, considerada “dominante, ou hegemônica, gira em torno do individualismo; a outra, dominada, possui uma lógica holista cujos preceitos internos são antagônicos aos da primeira matriz” (Heilborn e Gouvea, 1999: 177). E, também como em Duarte, considera-se que a configuração dos valores dos grupos populares pode ser resumida em três pilares: família, trabalho e localidade.

O modelo dumontiano

“caracteriza o individualismo como moderno e a configuração holista como tradicionalista, e funciona como um tipo-ideal, nos termos formulados por Weber. Nesse sentido, por tratar-se de um modelo, resgata traços pertinentes da organização simbólica e prática, mas evidentemente não é a reprodução espelhada da pluralidade de situações que se podem encontrar na realidade concreta. O ponto relevante dessa interpretação é salientar que os processos de construção da pessoa, leia-se de sua visão do mundo e *ethos*, são bastante diferenciados nessas duas culturas, dando origem a formas específicas de modelação da subjetividade, dimensão particularmente importante no

que concerne ao tema da sexualidade e da saúde” (Heilborn e Gouvea, 1999: 177).

De fato, a diferenciação entre camadas sociais constitui um fato histórico nas sociedades ocidentais e é impossível, sem considerá-la, analisar tanto a relação entre os sexos como a sexualidade. É difícil, também, desde que o individualismo se tornou uma dimensão importante da cultura ocidental, não considerá-lo nesse tipo de análise. Como já demonstrou Durkheim (1967), a própria noção de indivíduo tornou-se um fato social, paralelo ao surgimento do capitalismo, sendo a ideologia individualista ao mesmo tempo resultante e constitutiva de seu desenvolvimento, confundindo-se assim com o próprio desenvolvimento das sociedades ocidentais⁸.

Parece-me também, como já mostraram vários autores — Hoggart (1958), Thompson (1975), Bourdieu (1980) e o próprio Weber (1964) —, que nenhum tipo de dominação simbólica é absoluta e totalmente impositiva. Não obstante certos traços historicamente universais dessa dominação possam estar presentes ou se repetirem de forma homóloga em diferentes “culturas”, as relações de classe e dominação devem ser empiricamente construídas, para cada sociedade e para os diferentes tempos ou momentos históricos de uma mesma sociedade.

Embora dar conta das diferenças simbólicas, dos significados e das configurações culturais que a sexualidade e a relação entre os sexos assumem em diferentes momentos, nas diferentes camadas sociais brasileiras constitui uma necessidade de qualquer pesquisa ou estudo sobre esses temas, o modelo “individualista x holista” não me parece o mais adequado para isso. De um lado, porque no emprego desses modelos, que ora aparecem como ideologias, ora como modelos analíticos ou ainda como tipos ideais, a própria

* Nesse sentido, o próprio movimento feminista e o movimento de homossexuais constituem produto do desenvolvimento histórico. Segundo argumenta Zaretski (1976), o surgimento do capitalismo industrial, ao destruir as formas tradicionais de vida familiar, deu impulso à procura por uma nova identidade pessoal. Já que essa identidade não podia realizar-se através do trabalho ou da posse de propriedades, a família tornou-se a principal esfera social em que o indivíduo poderia ter primazia; dentro dela se desenvolveu a “vida pessoal”. Mas essa “vida pessoal” não consegue servir como refúgio contra a impessoalidade do sistema capitalista avançado, do qual se tornou parte tão integral quanto a própria expansão geográfica deste. A dicotomia entre vida pessoal e produção levou ao aparecimento, em larga escala, de uma nova idéia: a das relações humanas e dos seres humanos como um fim em si mesmos. Hoje, portanto, esses temas não podem ser ignorados na discussão política e para comprová-lo surgem movimentos, como o feminista e o homossexual, que concentram seus esforços nesse campo.

noção de **individualismo** se mescla ou se substitui seguidamente por aquelas de **singularidade**, **autonomia** e, o que me parece mais comum, de **identidade pessoal**. Uma vez que o objetivo do modelo parece ser (re)construir a idéia de pessoa, “selvagemmente sacrificada pelas ciências do homem” (Bourdieu e Wacquant, 1992: 154-155), é facilmente absorvível pelo senso comum e faz parte desse tipo de pensamento confundir o conceito de pessoa com a pessoa em carne e osso⁹. De outro, não fica muito claro como esses modelos são transpostos de outros contextos para a realidade brasileira e mesmo sobre sua utilidade explicativa, na medida em que tendem a encobrir os fatores estruturais e a dimensão de poder que implicam as relações sociais, mormente as relações entre os sexos. Sem isso caímos num mero dualismo de caráter ontológico que, ao contrário do pretendido pelo modelo proposto, tende a trazer de volta o essencialismo teórico-metodológico, a história sem sujeito, ou o sujeito sem história dos idealistas ou dos pós-modernistas.

Ainda que tratados como tipos ideais, a oposição individualismo x holismo tende a separar em compartimentos quase estanques as camadas médias e altas (geralmente sem distingui-las ou agregadas em torno de uma mesma subjetividade) daquelas amplamente classificadas como populares. Retira de ambas atributos que lhe são comuns: das primeiras, de valores como a família, a solidariedade, a conjugalidade etc.; das segundas, de racionalidade e da possibilidade de se pensarem como indivíduos, como únicos. Tudo indica que essa noção, que muitas vezes se confunde com a de pessoa, fica reservada às primeiras; a de *ethos* (coletivo, comum, sujeito à hierarquia), às segundas.

A própria idéia de que essas camadas constroem sua subjetividade segundo uma lógica própria constitui, a meu ver, uma falácia, uma vez que o próprio conceito de subjetividade remete ao individualismo e tende, assim, a escamotear o fato de que só tem sentido como produto de relações sociais; a transformá-la numa categoria vazia, quando não meramente ideológica.

Não me parece que em uma sociedade como a nossa, marcada pela diferenciação, diversidade e por uma mídia fortemente desenvolvida, possamos falar de uma subcultura no sentido tradicional do termo. Ainda que

⁹ A verdadeira moda em que o individualismo se tornou, como categoria explicativa da subjetividade das classes dominantes brasileiras na literatura sobre os gêneros no Brasil, sem que sua especificidade seja explicitada, assume quase a forma de um **mito**, de um **espírito de época**, como a noção de globalização, analisada por Velho (1995).

advogando, juntamente com Duarte, o aspecto afirmativo de qualquer cultura dominada, acho que podemos supor, com menos risco de errar, que o aspecto comum dessa subcultura e dos valores de positividade que lhe são inerentes dizem respeito não a uma “visão holista” do mundo, em oposição a uma “visão individualista”, mas principalmente a uma visão que reflete sua posição na estrutura social, ou seja, sua condição de dominado que em alguns contextos os aproxima, sob muitos aspectos, da visão de mundo das mulheres.

Em outras palavras, parece-me que o que distingue melhor as camadas altas e populares não é uma lógica “racionalista individualista igualitária x uma lógica não racional, relacional e familista”, mas uma lógica que distingue “dominantes x dominados”, cuja configuração simbólica necessitamos construir e reconstruir a cada momento ou situação, embora princípios universais de hierarquização possam ser encontrados em todas as classes sociais e no interior de cada uma delas em determinados contextos.

Cultura e Erotismo

Na outra vertente de estudos que se multiplicaram a partir de meados da década de 80, isto é, aqueles que se desenvolveram com o surgimento da AIDS e que focalizam mais diretamente o tema da sexualidade, distinguem-se os trabalhos de Richard Parker (1991), cujo modelo analítico passou a servir de referência a outros estudos produzidos na mesma época.

Sob a influência dos primeiros sociólogos, historiadores e antropólogos brasileiros que colocam na dimensão sexual, e na separação entre o público e o privado — a casa e a rua — a referência maior das características que explicam o povo brasileiro, sua índole e sua vocação (Rago, 1998; Da Matta, 1996), Parker afirma que é a dimensão erótica da sexualidade que particulariza a cultura sexual no Brasil, pensada como um todo ou como um conjunto relativamente homogêneo. Constituída pelo autor como um domínio à parte, onde “tudo pode acontecer”, seus significados escapam aos demais sistemas de gênero (modelo hierarquizante) e ao discurso da sexualidade (modelo reprodutivo), perdendo assim suas características hierárquicas e mesmo funcionais. Dentro do quadro de referência “erótico”, segundo Parker, o corpo e os genitais em particular são vistos como instrumentos de prazer, ao invés de marcos do poder, tudo dependendo apenas do contexto.

Para Parker (1994), “mais do que qualquer outra coisa, é a noção de transgressão que define a ideologia do erotismo em nossa cultura contemporânea”. Em nível mais geral, escreve ele,

“esta noção de transgressão, pelo menos no Brasil, tira proveito de uma distinção culturalmente definida entre as noções de conduta pública e privada. Seu papel central na definição da ideologia do erotismo é captado em expressões populares como ‘embaixo do pano tudo pode acontecer; entre quatro paredes tudo pode acontecer’. Embora uma ampla gama de regulamentos e restrições possa governar as interações na vida pública, na vida privada, quando a pessoa está longe dos olhares curiosos e vigilantes da sociedade, um conjunto muito diferente de possibilidades se define. Pelo menos, dentro desta configuração ideológica específica, quase tudo é possível” (Parker, 1994: 144).

Com sua mistura implícita de tentação e perigo, a noção de “tudo” é a chave da categoria “sacanagem”, uma categoria cultural bastante complexa porque vinculada a noções de agressão e hostilidade, brincadeira e diversão, excitação sexual e prática erótica, num único complexo simbólico, centralizado, acima de tudo, “na violação de regras do decoro adequado — as regras que deveriam, dentro da ordem estabelecida, controlar o fluxo da vida cotidiana normal”. A masturbação, o sexo oral e a relação anal, “exatamente pelas numerosas proibições que as rodeiam, encaixam-se perfeitamente na estrutura transgressiva do erotismo — um mundo de ‘sacanagem’, tesão e prazer” (Parker, 1994: 12-13).

Uma vez que, excetuando-se o rótulo especial de “sacanagem”, inexistem evidências de que a transgressão¹⁰, a masturbação, o sexo oral e o sexo anal — elementos quase universais do erotismo e da sexualidade — sejam específicos da sexualidade brasileira, é possível que Parker esteja, na verdade, lidando com o modelo erótico-homossexual masculino brasileiro. Como mostra o próprio autor, contrariamente a outros países, onde os *gays* tendem a formar comunidades bem definidas e a afirmar fortemente sua identidade homossexual, no Brasil, com exceção de certos grupos dos estratos médios dos grandes centros urbanos, as práticas homossexuais tendem a limitar-se à esfera privada, “onde tudo é possível”, sem afetar a identidade individual e social do sujeito.

No modelo de Parker, as noções de masculinidade e feminilidade são estruturadas pela dicotomia ativo e passivo, e servem de princípio organizador

¹⁰ Tal como extensa e finamente trabalhada por Bataille (1957).

de um mundo muito mais amplo de classificações sexuais da vida cotidiana brasileira. Assim, como observa Guimarães:

“a extensa gama de práticas que extravasa as fronteiras normativas do ativo e passivo expõe uma sexualidade de características fluidas e transgressivas dessas normas: o deslizar do ativo para o passivo e vice-versa no decorrer da relação sexual faz parte do que realmente acontece ‘entre quatro paredes’ e constitui a base do que é explicitado como sexualidade erótica do brasileiro” (Guimarães, 1996: 306).

“Estas ofertas transgressivas, entretanto, ainda que vistas como sexualmente indiferenciadas segundo a ideologia do erótico de Parker, não são de fato compartilhadas por todos os homens e todas as mulheres. Mesmo que seu argumento se refira a um sistema ideológico e não a comportamentos empíricos, há que se precisar quais homens e, sobretudo, quais mulheres, compartilham desse universo idealizado de quatro paredes. Na sua ótica generalizante do que seria o erótico brasileiro, comprometida com uma análise de ‘caráter nacional’, deixamos de apreender como as categorias do ativo e do passivo acontecem ou deixam de acontecer em situações sociais concretas do cotidiano — talvez menos excitantes, mas sem dúvida mais próximas às mulheres e aos homens de carne e osso — que, como pesquisadores, elegemos conhecer” (Guimarães, 1996 : 306-307).

Enfrentar esses problemas é criar as condições necessárias para uma reflexão mais rigorosa sobre a questão da sexualidade, que leve em conta inclusive seu papel político e sua contribuição para a reprodução, tanto dos grupos e classes no interior da nossa sociedade, como de nosso sistema social como um todo.

Assim, para uma melhor compreensão da sexualidade e da relação entre os sexos em diferentes camadas sociais, parece-me importante relacionar as representações, teorias, ideologias ou visões de mundo a que estão ligadas, com as formas de organização familiar, a divisão social e sexual do trabalho, o mercado de casamento e outras formas de união dos sexos, com dados propriamente demográficos: razão de masculinidade, taxas de fecundidade, taxas de homogamia, hipergamia e hipogamia, a idade ao casar-se, em diferentes camadas sociais.

Considerando o campo das relações sexuais-afetivas na sua totalidade, com suas tensões e contradições internas entre diferentes sistemas

classificatórios e organizacionais, podemos pensar e visualizar melhor sua lógica e a **função** política que cumprem para a reprodução do sistema social mais amplo que lhe constitui e da qual é constitutivo.

Referências Bibliográficas

- ABREU, A. *O avesso da moda. Trabalho a domicílio na indústria da confecção*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- AGUIAR, N. Mulheres na força de trabalho na América Latina. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 1977, Rio de Janeiro. *Anais....*, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1979.
- BATAILLE, G. *L'Erotisme*. Paris: Minuit, 1957.
- BERQUÓ, E. *Pirâmide da solidão*. Notas muito preliminares. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6, 1984, Águas de São Pedro - SP. *Anais...* São Paulo: ABEP, 1984.
- BIRMAN, J. *Sobre a paixão* In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6, 1984, Águas de São Pedro - SP. *Anais...* São Paulo: ABEP, 1984.
- BLAY, E. *A Mulher e o trabalho qualificado na indústria paulista*, São Paulo: DCS/IFFCH, 1972.
- BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. *Réponses*. Paris: Seuil, 1992.
- CORREA, M. *A tecnologia a serviço de um sonho. Um estudo sobre a reprodução assistida no Brasil*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997.
- DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- DAUSTER, T. A invenção do amor – amor, sexo e família em camadas médias urbanas. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6, 1984, Águas de São Pedro - SP. *Anais...* São Paulo: ABEP, 1984.
- DUARTE, L. F. Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6, 1984, Águas de São Pedro - SP. *Anais...* São Paulo: ABEP, 1984.
- DUMONT, L. *Essai sur l'Individualisme Une perspective anthropologique sur l'ideologie individualisme moderne* Paris: Esprit-Seuil, 1983.
- DUMONT, L. *Homo Aequalis*. Paris: Gallimard, 1977.
- DUMONT, L. *Homo Hierarchicus*. Paris: Gallimard, 1966.

- DURKHEIM, E. *De la division del trabajo social*. Buenos Aires: Editorial Schafire SRI, 1967.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- FRY, P.; MACRAE, E. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FRY, P. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil” In: _____. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-115.
- GUIMARÃES, C. Casos e acasos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6, 1984, Águas de São Pedro - SP. *Anais...* São Paulo: ABEP, 1984.
- GUIMARÃES, C. Mais merece! O estigma da infecção sexual pelo HIV/AIDS em mulheres. *Estudos Feministas*, v. 4, n. 2, p. 295-318, 1996.
- GUIMARÃES, C. *O homossexual visto por entendidos*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.
- HEILBORN, M. L.; GOUVEA, P. Marido é tudo igual. Mulheres populares e sexualidade no contexto da AIDS. In: BARBOSA, R. M.; PARKER, R. (orgs.). *Sexualidades pelo avesso – Direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ / Editora 34, 1999. p. 176-177.
- HEILBORN, M. L.; SORJ, B. Estudos de Gênero no Brasil. In: MICELI, S. *O que ler nas Ciências Sociais* (v. 2 – Sociologia). São Paulo: Sumaré / ANPOCS, 1999. p. 183-221.
- HEILBORN, M. L. Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada. *Revista Estudos Feministas*, v. 1, n. 1, s/p, 1993.
- HIRATA, H.; HUMPHREY, J. O emprego industrial feminino e a crise econômica brasileira. *Revista de Economia Política*, n. 4, s/p., out/dez. 1984.
- HOGGART. *The uses of literacy*. Harmondsworth: Penguin Books, 1958.
- JELIN, E. Formas de organização da atividade econômica e estrutura ocupacional: o caso de Salvador. *Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 19, s/p., jul./set. 1974.
- LEAL, O. F.; BOFF, A. M. Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 119-135.
- LOYOLA, M. A. *AIDS e sexualidade O ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- LOYOLA, M.A. (org.). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- LOYOLA, M. A.; FRY, P. Relatório do Grupo Sexualidade e Reprodução. In: ENCON-

- TRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6, 1984, Águas de São Pedro - SP. *Anais...* São Paulo: ABEP, 1984.
- LOYOLA, M. A.; ABUJAMRA, M. A divisão sexual do trabalho doméstico. *Nova Série Cadernos do Cebrap*, n. 4, p. 41-148, 1985.
- MACRAE, E. Homossexualismo e individualismo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6, 1984, Águas de São Pedro - SP. *Anais...* São Paulo: ABEP, 1984.
- MADEIRA, F.; SINGER, P. Estrutura e trabalho feminino no Brasil São Paulo *Cadernos do Cebrap*, n. 13, s/p., 1975.
- MOREIRA ALVES, B. Sexualidade e desconhecimento: a negação do saber. In: BRUSCHINI, C.; ROSEMBERG, F. *Vivência, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas / Brasiliense, 1980.
- MOURA, H. *Mulheres e menores no trabalho industrial: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MURARO, R. M. *Sexualidade da mulher brasileira. Corpo e classe social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1983.
- NOVINSKY, S. Heresia, mulher e sexualidade. In: BRUSCHINI, C.; ROSEMBERG, F. *Vivência, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas / Brasiliense, 1980.
- PARKER, R. Diversidade sexual, análise sexual e educação sobre AIDS no Brasil. In: LOYOLA, M. A. *Aids e sexualidade O ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- PARKER, R. G. *Corpos, prazeres e paixões; a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PENA, V. Mulher na força de trabalho. *BIB*, n. 10, s/p., 1990.
- PERLONGHER, N. Amor e comércio na prostituição viril. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6, 1984, Águas de São Pedro - SP. *Anais...* São Paulo: ABEP, 1984.
- PITT-REVERS, P. *Honour and social status in Audalusia in the fate of Schechom or the politics of sex*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- RAGO, M. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira. In: LOYOLA, M. A. *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- RODRIGUES, A. *Operário, operária. Estudo exploratório sobre o operariado industrial da Grande São Paulo*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Livraria Quadro Artes, 1969.
- SALEM, T. A família em cena: uma leitura antropológica da dramaturgia de Nelson

- Rodrigues In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6, 1984, Águas de São Pedro - SP. *Anais...* São Paulo: ABEP, 1984.
- SARTI, C.; MORAES, E. *Aí a porca torce o rabo*"; BRUSCHINI e ROSEMBERG *Vivência, sexualidade e imagens femininas* São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Brasiliense, 1980.
- SOUZA, E. O trabalho feminino e a estrutura familiar. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, n. 2, s/p., 1979.
- THOMPSON, E. *Whigs and hunters*. Londres: Allen Lane Penguin Books, 1975.
- VELHO, G. Aliança e casamento na sociedade moderna: separação e amizade em camadas médias urbanas. *Boletim do Museu Nacional*, agosto 1983.
- VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VELHO, O. *Besta-fera: recriação do mundo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- WEBER, M. *Economia y Sociedad Mexico*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1964.
- ZARETSKY, E. *Capitalism, the family and personal life*. Londres: Muto Press, 1976.

Anexo

**I ENCONTRO DO GRUPO DE TRABALHO “SEXUALIDADE E REPRODUÇÃO
DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS”
Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
3, 4 e 5 de outubro de 1983**

PROGRAMA

As relações entre os sexos

Benilton Bezerra
Bruna Francheto

Sexualidade e individualidade
O sexo dos anjos / índios e dos anjos /
pesquisadores. Ou familiar e o exótico na
experiência de uma pesquisa de campo
entre os Kuikuru do Alto Xingu
Sobre o trabalho e a “trabalheira”
A mulher na reprodução da força de trabalho
Os papéis de gênero e a questão do poder
O masculino e o feminino no Brasil: uma
questão relacional

Elisabete Dória Bilac
Heleieth Saffioti
Leni Silverstein
Roberto da Matta

A constituição da sexualidade

Fernando Gabeira
Gilberto Velho

A descoberta do Brasil e de sua sexualidade
Novas propostas de relacionamento sexual
e afetivo nas camadas médias urbanas
Dimensões biossociais da sexualidade
humana
Filosofia e erotismo
Crescei e multiplicai-vos: o ‘destino’ da
sexualidade?
Laios ou a fertilidade impossível
A produção do sujeito
Corpo, linguagem e sexualidade

Haruo Okawara

José Américo Peçanha
Lia Amorim

Sonia Azambuja
Sonia Carneiro Leão
Suzana Amália Palácios

Sexualidade e identidade

Carmen Dora Guimarães

O novo homossexual: velhas teorias e
novas práticas
Mecanismos de diferenciação das mulheres
através da sexualidade

Cintia Sarti

Edward MacRae

O movimento homossexual em São Paulo
Grupo do IFCS (Rui Pedro, Mario Cesar e
Andréa Paola) O IFCS a nu: o
comportamento sexual de estudantes
universitários

Maria Dulce Gaspar de Oliveira

Prostituição feminina: sexualidade e moral

Maria Luiza Heilborn

A moral sexual de adolescentes do subúrbio

Maria Tereza Sarão

A sexualidade de meninas da periferia de
São Paulo

Nestor Perlongher

Masculinidade e violência na prostituição
viril

Casamento e outras formas de relacionamento sexual e afetivo

Boris Fausto

Padrões de sexualidade numa perspectiva
histórica

Edgar Assis Carvalho

Sexualidade, dominação masculina e
reprodução sociocultural

Eunice Durham

Individualismo, Sexualidade e Reprodução
na sociedade moderna

Madel Luz

Uma nova matriz para a representação do
masculino-feminino ?

Maria Helena Trigo

Casamento e sociedade na Primeira
República

Mary Pimentel

Respostas singulares nas relações sexuais

Maria do Rosário R. Salles

Família e reprodução social

Maria Rosilene B. Alvim

Família operária e reprodução social

Tania Dauster

Notas sobre a sexualidade e a reprodução
/ não reprodução na construção da

Tania Salem

identidade feminina em camadas populares
Ideologias acerca da divisão de papéis

sexuais: proposta de discussão

Planejamento familiar

Elza Berquó

Concepção e contracepção *versus* controle
da natalidade, planejamento familiar,

paternidade responsável e outros que tais

Eva Altman Blay

Políticas públicas sobre saúde e sexualidade
e o papel da Universidade

Grupo da FLACSO (Sílvia Sanchez, Diana

Valadares, Ivonete Batista) Pesquisa

ação: as condições sociais da reprodução

Lucila Scavone
Marta Matarazzo Suplicy

humana
Mulheres: o cotidiano da reprodução
Como levar os meios anticoncepcionais à
população mais carente sem o exercício de
um controle ideológico

Sessão de Encerramento:
Arakcy Martins Rodrigues
Lia Fukui
Maria Andréa Loyola
Peter Fry